

CARTAS



SANTA CLARA DE ASSIS

Fonte do texto:

www.capachinhos.org

CARTAS DE SANTA CLARA

INTRODUÇÃO GERAL

Clara de Assis, Santa Clara, é uma das poucas mulheres medievais que deixou escritos. “Nobre por nascimento, mas mais nobre pela graça” recebeu a melhor educação a que podia aspirar uma mulher do seu tempo. Aprendeu a ler e a escrever latim e da sua pena não saiu palavra vã, mas só palavra cheia do fogo do Espírito. Como chispa em canavial, o seu fogo multiplica-se.

Os escritos de Clara pertencem a vários géneros literários diferentes, que exprimem as diversas facetas da sua personalidade. As cartas revelam a sua requintada feminilidade e o voo místico do seu espírito. Nelas trata da amizade, da aspiração da alma e da oração que, para si, é contemplação amorosa, que nos transforma em ícone da divindade.

Destinatárias das cartas

As destinatárias das cartas de Santa Clara que se conservaram, foram duas mulheres: Inês de Praga e Ermentrudis de Bruges. Certamente saíram do conventinho de São Damião muitas mais cartas assinadas por Clara. Podiam ter sido dirigidas ao Irmão Francisco, ao Papa Gregório IX — com quem sabemos ao certo que mantinha correspondência — aos mosteiros fundados, de perto e de longe, ávidos de conhecer a fundo a novidade da sua forma de vida. Muitas cartas se perderam ou esperam em lugares ignorados a mão atenta do investigador.

Inês de Praga

As quatro primeiras cartas, que são as mais extensas, têm por destinatária Santa Inês de Praga. Filha do rei Ottokar I da Boémia (1198-1230) e da rainha Constância da Hungria, nasceu no ano de 1205. Aos três anos de idade foi prometida a Boleslau da Silésia, ficando livre do seu compromisso pela morte do prome-

tido, em 1211. Foi novamente prometida em 1213 a Henrique VII, filho do imperador Frederico II. Desfeito o compromisso em 1225, foi pedida em 1227 por Henrique III da Inglaterra e por fim, no ano de 1233, pediu a sua mão o próprio imperador do Sacro Império, Frederico II. Inês recusou estas propostas, por abrigar em seu coração propósitos bem diferentes.

Tendo chegado a Praga os primeiros Frades Menores, edificou-lhes um convento. Por eles teve notícia da vida de Clara de Assis, e fundou um mosteiro para Irmãs Pobres, no qual ela própria tomou hábito, a 22 de Junho de 1234, festa do Pentecostes.

Inês morreu no ano de 1282. Foi beatificada por Pio IX, em 1874 e canonizada por João Paulo II, a 12 de Novembro de 1989.

Ermentrudis de Bruges

A quinta é dirigida a Ermentrudis de Bruges. Segundo um relato divulgado no século XVII, era filha de um magistrado de Colónia. Movida pelo desejo de servir a Jesus Cristo, abandonou a sua pátria em companhia de Vitória, mulher ao seu serviço, no ano de 1240. Chegada a Bruges, levou vida de reclusa. Passados doze anos, teve notícia da forma de vida de Clara de Assis e viajou até Roma e Assis com o desejo de a conhecer. Quando Ermentrudis e Vitória chegaram a Roma, a Irmã Clara tinha já passado desta vida para o Pai.

Ao regressar, Ermentrudis levou bulas de Inocêncio IV com autorização para fundar fraternidades de Irmãs Pobres. Assim se converteu em grande propagandista da Ordem de Santa Clara nas regiões do Baixo Reno e na Flandres.

Género literário

O género epistolar é o mais propício à espontaneidade e à intimidade, o mais adequado para transmitir os sentimentos. As cartas são o lugar mais favorável para conhecer o coração sensibilíssimo de Clara, tão humana e cumulada de amor divino. Revelam o encanto da sua feminilidade, delicadeza, nobreza e simpli-

cidade e o seu entranhável afecto. Revelam também a profundidade do seu magistério espiritual. As palavras ardentes, apaixonadas, quando menciona Jesus Cristo, reflectem o seu ser de cristã contemplativa transformada em ícone da divindade, pela acção do Espírito Santificador.

Inicia as cartas com rara cortesia, acompanhando o nome da destinatária com títulos cheios de admiração, que marcam um processo de aproximação, intimidade e comunhão de vida. A si mesma, Clara apresenta-se com títulos de humildade. A despedida termina sempre em comunhão de orações.

Nalguns fragmentos destas cartas aparece o ritmo poético, alcançando uma beleza e qualidade literária encantadoras.

Autenticidade

A autenticidade das quatro cartas a Inês de Praga é indiscutível. O texto original, redigido em latim, foi recebido no mosteiro de Praga. Fizeram-se várias traduções, das quais se conservaram uma checa, impressa em Praga, em 1566 por J. Placy, e cinco alemãs, divulgadas depois de 1815. Conservou-se uma carta na sua versão original latina, na “Crónica dos XXIV Gerais” do convento de Hall, Áustria.

Entre os anos de 1283-1322, ao promover-se a Causa de Canonização de Inês de Praga, enviou-se a Roma uma cópia do original latino das cartas de Santa Clara, junto com a Legenda de Inês. Ignoradas durante séculos, acharam-se estas cópias num códice da Biblioteca do Cabido de Santo Ambrósio de Milão⁽¹⁾. Era o ano de 1924. Em 1932, Jan Kapistran Vyscocil fez um estudo comparativo de todos os códices, versão latina e tradução alemã, constatando a sua coincidência.

A Carta a Ermentrudis de Bruges não oferece tanta garantia de autenticidade. Alguns dizem que talvez seja uma refundição de duas cartas. Conhece-se só pelos Anais de Waddingo.

¹ **Untersuchungen....**, o.c., p. 298. o autor afirma que este códice é uma cópia do original do mosteiro de Praga. Cf. SETON, X., *The Letters from Saint Claire to Blessed Agnes of Bohemia*, in *A.F.H.* XVII (1924), pp. 509-519; *Schriften*, pp. 22-24; *BAC*, pp. 376-379; *Scritti*, pp. 75-79.

Cronologia

Os investigadores não estão de acordo quanto à data exata das cartas. A primeira carta situa-se pelo ano de 1234. Clara escreve a Inês ao iniciar a sua experiência de Irmã Pobre no mosteiro do Salvador, por ela fundado em Praga. A segunda carta, pela menção a Frei Elias como Ministro Geral, deve situar-se entre os anos de 1232-1239. Vyscocil supõe a sua redacção entre 1235-1236. A cronologia da terceira carta é mais fácil pela sua relação com duas bulas datadas em Maio e Dezembro de 1238⁽²⁾. Quanto à quarta carta há unanimidade em situá-la pouco antes da morte de Santa Clara, no ano de 1253.

Embora seja ampla a distância cronológica entre a primeira e a última carta de Clara a Inês, percebe-se a unidade de estilo, de temas e de inspiração.

Quanto à carta ou cartas a Ermentrudis, seriam escritas nos últimos anos de Clara.

Pano de fundo Bíblico e Patrístico

Clara alimentou-se da Palavra de Deus, escutada, lida, contemplada. Da abundância do seu coração brotou uma linguagem embelezada com alusões e citações bíblicas. É muito frequente nela como em Francisco, a apropriação e a associação de umas citações com outras. Assim, iluminam a vida à luz da Palavra, assim falam com autoridade.

O pano de fundo das cartas oferece um equilíbrio entre os dois Testamentos e revela uma preferência pelos textos do amor esponsal: Salmo 44 e Cântico dos Cânticos.

Encontram-se também várias citações da Liturgia, de autores eclesiásticos e de escritos de São Francisco.

² Sobre a cronologia cf. *Schriften*, p. 23, nota 70. Uma das bulas é a "Licet velut ignis" publicada na p. 463.

Tema das cartas

As cartas de Clara são como uma fonte de água viva, inesgotável. Podem encher-se as ânforas da pobreza e humildade, da fé viva na Palavra de Deus, da virgindade, da alegria, da caridade entranhável, da oração de intercessão, da contemplação transformante do Mistério de Cristo, da docura escondida, da evolução espiritual da mulher franciscana, da missão eclesial da Irmã Pobre, da união à Mãe dulcíssima ou maternidade espiritual, da espiritualidade esponsal, do Espelho da Eternidade...

Podemos encher tantas ânforas, porque o poço é fundo. A linguagem vela e revela uma experiência de amor apaixonado a Jesus Cristo, uma experiência feminina de seguimento evangélico e franciscano. Clara de Assis, nas cartas, exprime aquilo que transborda do seu cálice e dirá que o faz “balbuciando”.

Há também alguns conselhos práticos. Clara responde às perguntas de Inês. Fá-lo com segurança, cortesia, compreensão, como quem sabe temperar com o sal da prudência.

Magistério de Clara

Clara não traça os passos de um caminho, porque o Caminho, a Verdade e a Vida é Jesus Cristo. Ensina a desejar, a olhar, a abraçar-se com amor apaixonante a Jesus Cristo como Espelho do Pai, sob a iluminação do Espírito Santo. Em inquebrantável fidelidade a São Francisco, ensina a nutrir-se, pela fé, das palavras do Evangelho. Exorta à união à Virgem Pobrezinha, a peregrina da fé, para se viverem os mistérios de Cristo na Igreja.

Ensina a desejar as virtudes como jóias, algo que se compra pelo seu preço; depois como braços e abraços, membros do corpo ou modos de ser e, por fim, como dons e frutos de bem-aventurança. Assim, a pobreza, a humildade, a docura... já não são um exercício mas tão somente o abraço com o próprio Jesus Cristo. Ilustra o exercício dos sentidos espirituais, especialmente o olhar que descobre a Formosura e o tacto que percebe a suavidade do abraço. Partilha o poder da intercessão como elemento da

vida contemplativa. Contagia o seu fervor com uma linguagem vibrante, persuasiva, ungida de ternura. Levanta o voo da contemplação. Clara exorta ao amor.

As belíssimas cartas de Clara constituem, juntamente com os outros escritos, um elemento precioso para aprofundar a sua espiritualidade. A reiteração de alguns temas no espaço de vinte anos revela uma evolução progressiva dessa espiritualidade.

PRIMEIRA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (1CCL)

INTRODUÇÃO ⁽³⁾

No Pentecostes do ano 1234, uma notícia atravessou o Império: uma mulher de sangue real, a princesa Inês de Praga, tinha tomado o hábito das Irmãs Pobres. Clara escreve-lhe transbordante de gozo. Com o tratamento de cortesia “vós”, que manterá só nesta carta, a Irmã Clara dirige-se à senhora Inês como filha do rei da Boémia. Para si própria usa a sua habitual apresentação, feita com títulos de humildade evangélica.

A linha desta carta revela a espiritualidade nupcial vivida por Clara e transmitida a Inês, de coração a coração, como um beijo. Inês desdenhou as propostas do Imperador, como Clara desdenhou as de um nobre cavaleiro de Assis, catorze anos antes. A filha do rei renunciou às honras, à fama, à riqueza, para se abraçar a Jesus Cristo em virgindade e pobreza. Clara convida-a com entusiasmo e verdade a iniciar o caminho do seguimento, numa perspectiva nupcial, que radica no baptismo. Estabelece um paralelismo aliciante entre as núpcias terrenas e as celestes. Quer dizer, mostra-lhe como o modelo da relação nupcial humana postula uma partilha que é válida para as núpcias celestes.

Consagrarse a Jesus Cristo é um desposório inefável. Inês sabe o que lhe oferecia o Imperador terreno: jóias, coroa, abraços, honra, riqueza... Com a mesma linguagem, Clara mostraria-lhe-á uma realidade escondida. Há dois níveis de realeza: um, verdadeiro, e outro, fugaz. Clara vai tecendo as suas palavras sobre as antinomias evangélicas ao comparar dois amores, duas nobrezas, dois poderes, dois caminhos, duas espécies de riqueza e beleza.

³ Sobre a espiritualidade de 1 CCL ver: TRIVIÑO, M. V., *El gozo de Clara de Asís en su primera carta a Inés de Praga*, in *SelFran.*, 29 (1981), pp. 227-284; LOPEZ, S., *Lectura teológica de la carta I de Santa Clara*, in *SelFran.*, 55 (1990), pp. 14-32; BARELLI, E., ofm, *Le lettere di Santa Chiara, Meditazioni I, Lettera I*, in *ForSor*, anno XXX, nº 4-5 (1993-94), pp. 325-341; **BAC**, pp. 379-381; **Sources**, pp. 47-61.

A esposa deve partilhar a paixão, arvorando o estandarte da virgindade e pobreza, em luta contra o príncipe das trevas. Se é arriscado acompanhar um rei terreno que vai à guerra, muito mais o é seguir o herói que dá a vida, seguir a Cristo pobre que se entrega para nos reconciliar com Deus. Inês elegeu o Reino de Deus e não ficará defraudada. O Senhor da glória coroá-la-á de santidade e partilhará também com ela o gozo pleno e inefável.

Enumeram-se os feitos do Esposo (7-9), os verbos de amor, os lugares de encontro. As jóias transformam-se em virtudes que adornam a esposa (10-11); a virgindade e a pobreza, consideradas à luz da aliança esponsal, são personificadas do mesmo modo que fazia Francisco.

A prosa desvanece-se para dar lugar ao ritmo poético num canto à virgindade (8-11), um canto ao Vencedor Pobre (15-18) e à troca incomparável do terreno pelo celeste (30).

Se consideramos o tema nupcial como nuclear nesta primeira carta, advertimos também que aparecem outros que vão ser tratados nas cartas seguintes: a alegria (3-4; 20-21), a amizade, o tema mariano (19), que espelha a evolução mística da Irmã Pobre como filha, mãe e esposa (12; 24).

Do número 25 a 28 acumulam-se, à maneira de sentenças sapienciais, várias citações bíblicas e da tradição patrística. O pano de fundo desta carta é bíblico e mostra uma preferência por São Mateus. Merece ser sublinhada a associação de Mt 8, 20 e Jo 19, 30, fruto da amorosa contemplação de Clara, em 18.

A despedida reitera o primeiro desejo expressado no começo da carta: “a visão eterna”, a “glória da felicidade eterna”. Na espiritualidade de Clara, estes termos aludem respectivamente a ver e experimentar a presença de Deus.

Quanto à personalidade de Clara, ela revela-se como uma pessoa alegre, vibrante, positiva, aberta à vida, cortês, afectuosa, delicada. Contando os feitos do Esposo de mais nobre linhagem, revela-se como esposa apaixonada de Jesus Cristo pobre.

PRIMEIRA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA

1 À venerável e santa virgem, senhora Inês (⁴), filha do excellentíssimo e mui ilustre rei da Boémia, **2** Clara, serva (⁵) indigna e inútil (Lc 17, 10) de Jesus Cristo e das senhoras enclausuradas de São Damião, sua súbdita e serva em tudo, recomenda-se com muita reverência, desejando, sobretudo, que consiga a glória da felicidade eterna (Ecli 50, 5).

3 A fama da vossa vida santa e exemplar chegou aos meus ouvidos. Ela está, aliás, perfeitamente difundida em toda a parte, o que para mim é razão de gozo e de júbilo no Senhor. **4** Esta alegria não é só minha, mas compartilhada por todos os que servem ou desejam servir a Jesus Cristo. **5** E com toda a razão. Com efeito, mais do que qualquer outra mulher, tivestes o ensejo de desfrutar as pompas, honras e dignidades mundanas e tivestes até oportunidade dum legítimo casamento com o ilustre imperador (⁶), como correspondia à sua e à vossa dignidade. **6** Mas a tudo isso renunciastes. Preferistes abraçar com todo o afecto de alma e coração a santíssima pobreza, **7** escolhendo um esposo de linhagem mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará imaculada e incólume a vossa virgindade.

8 Amando-O, sereis casta,
abraçando-O, ficareis mais pura,
acolhendo-O, sereis virgem.
9 O seu poder é mais forte,
a sua generosidade, mais excelsa,
o seu aspecto, mais formoso,
o seu amor, mais suave,
e as suas graças de maior encanto.

⁴Sobre Inês cf. Introdução geral às Cartas.

⁵Título humilde que Clara se dava a si mesma, tal como Francisco. Cf. CO 47;
2 CF 1; RCL I, 3; X, 5; TCL 37.

⁶Por imperador entende-se também o filho do imperador. Neste caso trata-se de Frederico II.

10 Ele vos segura em seus braços,
e ornamenta de pedras preciosas o vosso peito,
e enfeita de jóias inestimáveis
as vossas orelhas,
11 e vos envolve de pérolas cintilantes,
coroando-vos com a coroa de ouro,
marcada com o sinal da santidade (cf. Ecl 45, 14) (7).

12 Portanto irmã caríssima, ou antes, veneranda senhora,
sois esposa, mãe e irmã (Mt 15, 50) (8) do meu Senhor Jesus Cristo
13 e fostes brilhantemente assinalada com o estandarte da virginidade inviolável e da santíssima pobreza. Fortalecei-vos, pois, no santo serviço pelo qual vos haveis decidido, em ardente desejo de imitar a Cristo pobre e crucificado. **14** Ele sofreu por nós o suplício da Cruz (Heb 12, 12), para nos libertar do poder do príncipe das trevas (Col 1, 13) que, desde o pecado dos nossos primeiros pais, nos mantinha prisioneiros. Assim nos reconciliou com Deus nosso Pai.

15 Ó bem-aventurada pobreza,
penhor de eternas riquezas
para os que a amam e abraçam.

16 Ó Santa pobreza,
pela qual Deus promete o Reino dos céus
aos que a possuem e desejam (cf. Mt 5, 3),
e certamente lhes concede
a glória eterna e a vida bem-aventurada.

17 Ó sagrada pobreza,
que o Senhor Jesus Cristo
se dignou abraçar,
preferindo-a a todas as riquezas.

Ele que governa o céu e a terra (Sl 32, 9; 148, 5)

⁷ Nas cartas de Santa Clara encontramos belas orações quase sempre inspiradas na liturgia. De 8-11 temos uma oração inspirada no Breviário Romano, festa de Santa Inês, 21 de Janeiro, antífona de Matinas.

⁸ Cf. 2 CF 50-56.

e que tudo criou com o poder da sua Palavra.

18 Com efeito, Ele mesmo diz que “as raposas têm as suas tocas e as aves do céu os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 20). Cristo pelo contrário, “inclinando a cabeça, entregou o seu espírito (Jo 19, 30). **19** Se, pois, um tão grande Senhor desceu ao seio da Virgem Maria e apareceu desprezível, desamparado e pobre neste mundo, **20** para que os homens pobres, desamparados e careciados do divino alimento, n'Ele se tornassem ricos **21** possuindo o Reino dos Céus, alegrai-vos e rejubilai, enchei-vos de grande contentamento e de alegrias espirituais. **22** Vós que preferistes o desprezo do mundo às honrarias mundanas, a pobreza às riquezas temporais e antes juntar um tesouro no céu que na terra, **23** onde nem a ferrugem nem a traça o corrompem, nem os ladrões o desenterram ou roubam (cf. Mt 6, 20), tereis no céu a recompensa (Mt 5, 12) **24** e mereceréis ser chamada irmã, esposa e mãe do Filho do Pai altíssimo e da Virgem gloriosa.

25 Creio firmemente que entendestes que o Reino dos Céus não foi prometido e não será dado senão aos pobres (cf. Mt 5, 3). Quem ama as coisas temporais, perde o fruto do amor, **26** porque não se pode servir a Deus e ao dinheiro; ou se há-de detestar um e amar o outro, ou se há-de dedicar a um e desprezar o outro (Mt 6, 24). **27** Sabeis que na luta entre um homem vestido e um desrido, aquele está em desvantagem, porque este facilmente o segura e o derruba (⁹). Assim, também ninguém pode gozar a vida neste mundo e participar no reinado de Cristo, **28** porque “é mais fácil passar um camelo pelo buraco duma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Mt 19, 24). **29** Por isso desprezastes as vestes, isto é, as riquezas deste mundo, para não sucumbirdes de modo algum na luta e poderdes entrar no Reino dos Céus pelo caminho apertado e pela porta estreita (cf. Mt 7, 14).

⁹ Cf. 1 C 15; LM 14, 3. Esta imagem encontra-se em São Gregório (homilia 32, 2) que se lia nas Matinas do Comum dos Mártires e é um tema familiar nas vidas dos Padres do deserto. Cf. **Documents**, p. 346, nota 12. Breviário Romano, festa dos Estigmas de São Francisco, 17 de Setembro, nona leitura.

30 Na verdade é uma troca maravilhosa e digna de todo o louvor, renunciar aos bens temporais e preferir os eternos, perder o que é terreno, para merecer o que é celeste, renunciar a um para ganhar cem e possuir para sempre a vida bem-aventurada (cf. Mt 19,29). **31** Por isso, santa e venerável irmã, suplico-vos tanto quanto posso que, pelo amor de Cristo, **32** perseverais no seu santo serviço, progredindo sem cessar na virtude, para que Aquele a quem servis com todas as forças da vossa mente, se digne conceder-vos o prémio que desejais.

33 Suplico-vos, por último, em nome do Senhor, tanto quanto posso, que vos lembreis nas vossas orações desta vossa serva, embora indigna, e das restantes irmãs que comigo moram neste mosteiro. **34** Que, com a vossa ajuda, mereçamos a misericórdia de Jesus Cristo e em união convosco sejamos dignas de gozar a eterna contemplação. **35** Saudações no Senhor. Orai por mim.

SEGUNDA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (2CCL)

INTRODUÇÃO

Foi escrita pelos anos 1235-1236. É a mais breve das cartas dirigidas a Inês. Talvez a Irmã Clara a tenha escrito à pressa, para responder às consultas de Inês. O problema era a guarda da altíssima pobreza, à qual a fundadora do convento do Salvador de Praga se mantinha fidelíssima, apesar de sofrer pressões de fora. A resposta de Clara é discreta, valente e firme: ater-se ao conselho do Irmão Elias, Ministro Geral dos Menores e não seguir outros, contrários à sua vocação, embora provenham de pessoas respeitáveis (15-18) Essa pessoa respeitável era o Papa, de quem Clara era amiga e a quem conseguiu persuadir, quando lhe mandava o que era contrário à sua alma: aceitar rendas e cortes nas relações com os Frades Menores. Na realidade, Clara está a cumprir a última vontade de Francisco.

A partir desta carta, Clara abandona o tratamento de cortesia e dirige-se a Inês com mais familiaridade, de irmã para irmã. Na saudação continuará a tratá-la sempre por senhora, mas agora não tanto pelo seu sangue real, quanto por ser filha do Rei dos reis e serva do Senhor dos senhores (10).

A consulta de Inês, fidelíssima no seguimento de Jesus Cristo pobre, entusiasma Clara. Como quem vê através da claridade divina, dirige acções de graças ao Pai, que reveste Inês de perfeição. Um sinal dos contemplativos é a sua grande capacidade de admiração. Clara — tão seráfico é o seu olhar — não teme afirmar que os olhos de Deus não vêem em Inês nada imperfeito (3-4).

¹⁰ Sobre a espiritualidade de 2 CCL, ver: LOPEZ, S., ofm, *Lectura teológica de la Carta II de Santa Clara*, in *SelFran.*, 59 (1991), pp.299-310; SCHENEIDER, H., ofm, *Pellegrinaggi dei poveri secondo la II lettera di Santa Chiara a Santa Agnese di Praga*, in *ForSor.*, anno XXIX, nº 3-4 (1992), pp.133-148; BARELLI, E., ofm, *Le lettere di Santa Chiara, Meditazioni III, Lettera II*, in *ForSor.*, anno XXXI, nº 1-2 (1994), pp. 78-92; *BAC*, pp. 379-381.

Canta a união do tálamo nupcial com beleza e luminosidade de contemplativa. Reitera o tema nupcial da carta anterior, a nível de realeza, em atenção à origem da destinatária e diferenciando uma vez mais os dois níveis: a oferta do imperador e “Aquele que merecidamente a tomou por esposa”; o reino terreno e a santa pobreza (5-7).

A palavra torna-se exortação permanente, ao convidá-la a perseverar e a avançar com ligereza e andar apressado. Dirige-se ao seu desejo para a maternidade, propondo a figura de Raquel (Gn 29, 18. 20-30), considerada, na Idade Média, como sinal de vida contemplativa. De novo, ao tocar este tema, o coração de Clara se inflama e eleva, chegando a dar à prosa ritmo poético (11-14; 17-18; 21-22).

Começa aqui (20) a instrução fascinante do “olhar” ou contemplação amorosa de Jesus Cristo, com desejo de O imitar. Os três passos : ”olha, considera e contempla” explicam-se: na carta seguinte, como exercício da alma, mente e coração; em São Boaventura, como exercício da fé, da mente e da visão. O olhar sereno da alma contemplativa comprehende a autonomia do Evangelho: pelas lágrimas ao gozo, pela Cruz ao esplendor da vida, pela desapropriação à participação dos bens terrenos... Em Clara como em Francisco, aparece sempre essa divina alquimia que concilia os contrários, que transforma o amargo em doçura.

As citações bíblicas desta carta são muito interessantes. Na sua rica contextura, entrecruza-se e funde-se a Revelação e a vida.

Como na carta anterior, pede-se, à despedida, a comunhão de orações e volta-se ao tema inicial: um gozo pleno por causa da obra de Deus em Inês.

SEGUNDA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA

1 À filha do Rei dos reis, à serva do Senhor dos senhores (Ap 19, 16) (¹¹), à mui digna esposa de Cristo e nobre rainha Inês,
2 Clara, inútil (Lc 17, 6) (¹²) e indigna serva do Senhor dos senhores, e votos de saúde e perseverança na altíssima pobreza.

3 Rendo graças ao autor de todas as graças, do qual dimanam todas as boas dádivas e os dons perfeitos (Tig 1, 17), que te adornou com tantas virtudes e tantos sinais de perfeição, **4** de modo que sendo uma imitadora perfeita e diligente da perfeição do Pai (cf. Mt 5, 49) tenhas também tu chegado à perfeição e seus olhos já nada de imperfeito em ti encontrem (cf. Sl 138, 16).

5 Esta é aquela perfeição pela qual o Rei dos Céus se unirá a ti na mansão celeste, onde reina sentado num trono de estrelas (¹³). **6** Pois que desprezaste a glória da realeza terrena, e renunciaste às delícias dum casamento imperial (¹⁴) **7** tornaste-te imitadora da altíssima pobreza e em espírito de grande humildade e ardente caridade, seguiste as pegadas d'Aquele que te achou digna para esposa.

8 Conhecendo eu a fama das tuas virtudes, quero, no entanto, poupar-te com desnecessários elogios verbais, **9** ainda que a ti não te pareça supérfluo nada que de alguma maneira te possa trazer consolação. **10** Mas, como uma só coisa é necessária (Lc 10, 42), a uma só coisa te chamo a atenção por amor d'Aquele a quem te ofereceste como vítima santa e agradável (cf. Rom 12, 1). **11** Eu te exorto a não esqueceres o teu santo propósito e qual outra Raquel (Gn 29, 16) (¹⁵), não percas de vista as motivações de início;

¹¹ Cf. 4 CCL 1.

¹² RCL X, 5.

¹³ Breviário Romano, festa da Assunção, 15 de Agosto, segunda antífona de Laudes.

¹⁴ Cf. 1 CCL 5.

¹⁵ Raquel, uma das matriarcas de Israel, primeiro amor de Jacob, era bela, mas estéril, ao contrário de Lia que era fecunda, mas tinha os olhos doentes (Gn 29, 17).

mantém-te firme
 no que já alcançaste;
 sé constante no que fazes;
12 não desanimes no caminho,
 corre veloz,
 com passo leve e sem tropeçar;
 que nem a teus pés o pó se apegue;
13 avança segura,
 alegre e jovial,
 no caminho da felicidade,
14 não acredites nem confies
 em quem te tentar desviar
 deste propósito;
 ultrapassa todo o obstáculo do caminho,
 e sé fiel ao Altíssimo (cf. Sl 150, 14)
 no estado de perfeição
 a que te chamou o Espírito Santo.

15 Para caminhar com mais segurança na senda dos mandamentos do Senhor, segue os conselhos do nosso venerável pai e irmão Frei Elias, Ministro Geral (¹⁶). **16** Prefere os seus conselhos a qualquer outro e estima-os mais que o dom mais precioso. **17** Se, pois, alguém, te disser ou sugerir algo que impeça a tua perfeição ou que vá contra a tua vocação divina, não sigas o seu conselho, mesmo que te mereça muita veneração (¹⁷), **18** antes, como virgem

Raquel era considerada na Idade Média o símbolo da vida contemplativa. A fecundidade da contemplação é mais apreciada que a da acção. Os dois filhos que Raquel depois veio a ter, José e Benjamim, eram os mais queridos de Jacob. Cf. *Escritos*, p. 13, nota 9.

¹⁶ A docilidade que Clara recomenda em relação ao Fr. Elias, testemunha não só o respeito devido ao sucessor de São Francisco, mas revela também o apreço pessoal que Santa Clara nutria por Fr. Elias. Clara aproveita a autoridade de Fr. Elias para dar força a Inês numa altura em que Gregório IX procurava convencê-la a aceitar propriedades.

¹⁷ Estas palavras fazem lembrar a "Última Vontade" de São Francisco (*Fontes I*, p.174). MATURA aponta entre os versículos 18-23 três passos da oração contemplativa: dirigir a vontade e o afecto para Cristo; fixar todo o ser sobre o Esposo maravilhoso (intuir, considerar, contemplar); imitar (cf. *Sources*, pp.58-59).

pobre, abraça a Cristo pobre. **19** Contempla-O desprezado por teu amor e segue-O tornando-te desprezível por Ele neste mundo.

20 Contempla, nobre rainha, o teu Esposo. Sendo o mais belo dos filhos dos homens (cf. Sl 44, 3), transformou-se, para tua salvação, no mais desprezível dos mortais. Morreu na Cruz, no meio dos maiores sofrimentos, golpeado e vezes sem conta açoitado em todo o corpo. Olha, medita e contempla e que o teu coração se inflame na sua imitação.

21 Se com Ele sofreres,
com Ele reinarás;
se com Ele chorares,
com Ele exultarás;
se com Ele morreres na Cruz da tribulação,
com Ele habitarás na glória dos santos (Rom 8, 17),
na mansão celeste,
e teu nome será gravado
22 no livro de vida
e para sempre glorificado entre os homens (Ap 3, 5).

23 Em vez das honras terrenas e transitórias terás para todo o sempre a glória do Reino celeste, participarás dos bens eternos em troca de bens perecíveis e viverás uma felicidade sem fim.

24 Adeus, querida irmã e senhora. Sê forte no Senhor, teu Esposo. **25** N'Ele me recomendo às tuas piedosas orações, juntamente com minhas irmãs. Rejubilemos pelo bem que o Senhor, pela sua graça, em ti realiza. Encomenda-nos às orações das tuas irmãs.

TERCEIRA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (3CCL)

INTRODUÇÃO (¹⁸)

A terceira carta é um arrebatamento da alma de Clara, capaz de arrastar o desejo até aos cumes da mística cristã. A força e a beleza das palavras, o tom persuasivo e ardenteíssimo, a profundidade da doutrina, a oportunidade dos temas... é algo inesgotável. Sugere sempre, alimenta sempre, porque Clara não fala de si, mas do mistério de Cristo. Ela guia com amor apaixonado.

Esta carta foi escrita pelo ano de 1238. A saudação dirige-se a Inês, como irmã do rei da Boémia. Trata-se de Wenceslau I, às vezes conhecido como II, por ter o mesmo nome que o primeiro duque da Boémia, São Wenceslau, mártir (907-929). Mas, a maior glória de Inês consiste em ser irmã e esposa do Rei celeste (1). Como boa pedagoga, Clara recorda constantemente a Inês as prerrogativas da sua escolha tão acertada.

O tema central desta carta é a vivência do Mistério de Cristo — os passos da exposição que se completa na quarta carta — ilustram os matizes que a espiritualidade de Clara radicaliza na escola franciscana:

1 - Vivência do Mistério de Cristo à luz da Teologia da Imagem. Deus revelou-se no Filho. Fixando n'Ele a mente, a alma e o coração (todos os níveis que integram a pessoa), a contemplativa há-de transfigurar-se, pela acção do Espírito Santo, em ícone da divindade. Este dinamismo em que confluem a graça e a psico-

^{¹⁸} Sobre a espiritualidade de 3 CCL ver: LOPEZ, S., ofm, *Lectura teológica de la Carta III de Santa Clara*, in *SelFran.*, 66 (1993), pp.418-435; BARELLI, E., ofm, *Le lettere di Santa Chiara, Meditazioni IV, Lettera III*, in *ForSor.*, anno XXXI, nº3 (1994), pp. 121-134; *Meditazioni V, lettera III*, in *ForSor.*, anno XXXI, nº 4 (1994), pp.226-236; **BAC**, pp. 391-395.

logia, devolve-lhe a semelhança (Gn 1, 27). A oração é, desde o princípio, contemplação amorosa e transformante. Fixa-se o olhar no espelho, Jesus Cristo, para mergulhar cada vez mais profundamente na Trindade (13-14). Ali se encontra a sabedoria e a doçura (14).

2 - Vivência do Mistério de Cristo à luz de Maria. A União com a Mãe dulcíssima (18) supera qualquer nível de exemplificação e piedade mariana. Trata-se de viver em e com Maria o mistério de Cristo e da Igreja. Maria “filha, mãe e esposa” (cf. OP. Ant.) é o espelho da Trindade. Maria é arquétipo de toda a forma de maternidade no Espírito. O que sucedeu com Maria corporalmente, sucede com a alma fiel pela caridade (21-23): levar Deus, ser morada, templo e vestidura do Filho de Deus, conter Aquele que os céus não podem conter.

3 - O Corpo inefável ou clave eclesial. Esta vivência secunda do Mistério de Cristo é a missão eclesial da Irmã Pobre, chamada a edificar a Igreja. Clara associa citações bíblicas tomadas num contexto de missão (1Cor 3, 9; Rom 16, 13). Levar Cristo, levar a Igreja e fecundá-la no espaço do seio virginal; sustar os membros vacilantes, quando as virtudes e os dons se identificaram connosco como braços e abraços (8). É antes de mais nada, esplendor duma vida formosa e atraente pela sua santidade e é também poderosa intercessão.

As palavras de Clara compreendem-se melhor diante do ícone que ela contemplou, dia e noite, durante quarenta e dois anos, o Cristo de São Damião. O corpo debilitado e pálido que passa da morte à vida, tem as mãos voltadas para a dextra do Pai. O rosto está cheio de vida, de cor, de expressão, e inclina-se transbordante de doçura. Ele é a cabeça do corpo que é a Igreja.

Na segunda parte da carta, Clara passa a responder às perguntas de Inês referentes ao jejum. Como na segunda carta, Clara ilumina a questão, com o conselho de São Francisco. Diz o costume seguido em São Damião sem fazer dele uma norma. O critério, acima de qualquer norma fixa, é a sobriedade com discri-

ção, a liberdade e a prudência (29-37). Consistia o jejum em tomar uma só refeição por dia. A refeição quaresmal (32) era à base de cereais, legumes e fruta crua. A carne e gorduras animais não eram permitidas na Quaresma e uma segunda refeição quebrava o jejum.

A alegria, a doçura, a formosura de Cristo, a arte do bom discernimento, são como o brilhante acorde que acompanha a melodiosa doutrina mística da carta. Formosa carta, labareda flamejante, que deleita e encaminha o ardor dos contemplativos.

TERCEIRA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA

1 À irmã Inês, venerável senhora em Cristo, a mais querida entre todas, irmã do ilustre rei da Boémia (¹⁹) mas já irmã e esposa do Rei dos Céus (Mt 12, 50). **2** Clara, indigna e humilde serva (²⁰) de Cristo deseja alegria salvadora no autor da salvação (cf. Heb 2, 10) e todo o bem digno de ser desejado.

3 Sinto imensa alegria pela tua saúde, pela felicidade que sentes e pelos progressos que vens conseguindo no caminho que te há-de levar à conquista do prémio celeste (cf. Fil 3, 14). **4** E esta alegria é tanto maior, quanto julgo e creio teres sabido completar admiravelmente as insuficiências que eu e minhas irmãs manifestamos na imitação da pobreza e humildade de Jesus Cristo.

5 Na verdade, posso alegrar-me e ninguém pode usurpar-me esse direito, **6** porque já obtive o que mais ambicionei debaixo do céu. Não é verdade que, assistida pela Sabedoria divina, triunfaste de maneira surpreendente sobre a astúcia do inimigo, sobre o orgulho e a vaidade, causa da loucura e perdição do coração? **7** Não é verdade que preferiste o tesouro incomparável, escondido no campo deste mundo e no coração dos homens (cf. Mt 13, 44), mediante o qual se compra, nada menos, que Aquele que tudo criou do nada? E que O abraçaste com a humildade, a força da fé e os braços da pobreza? **8** Plagiando as palavras do Apóstolo, considero-te colaboradora do próprio Deus e um suporte dos membros mais débeis do seu Corpo Místico (cf. 1 Cor 3, 9) (²¹). **9** Quem poderá, pois, impedir a minha alegria, perante tão grandes maravilhas?

¹⁹ Trata-se de Wenceslau I, irmão de Inês, nascido como ela no ano de 1205, filho e sucessor de Ottokar I. Governou entre 1230-1253. Às vezes aparece como Wenceslau II, para o distinguir de Wenceslau, duque da Boémia, mártir (907-929).

²⁰ Cf. 1 CCL 2.

²¹ É uma citação feita de memória da carta de São Paulo. Alguma literatura popular assinala o tipo de ajuda que as Clarissas podem prestar aos membros abatidos, através da oração, da penitência e de conselhos. Cf. *Documents*, p. 347, nota 30.

10 Alegra-te tu também em Cristo (Fil 4, 4), caríssima, **11** e não te envolva qualquer névoa de amargura, dilecta senhora em Cristo, alegria dos anjos e coroa das irmãs.

12 Fixa o teu olhar no espelho da eternidade (²²), deixa a tua alma banhar-se no esplendor da glória **13** e une o teu coração Àquele que é encarnação da essência divina, para que, contemplando-O, te transformes inteiramente na imagem da sua divindade (cf. Heb 1, 3; 2 Cor 3, 18). **14** Assim, também tu poderás experimentar o que só os amigos podem sentir quando saboreiam a doçura escondida que Deus reserva desde toda a eternidade àqueles que O amam. **15** Despreza tudo o que neste mundo de enganos e perturbações cega o coração dos homens e **16** ama de todo o coração Aquele que se entregou por teu amor e cuja beleza o sol e a lua contemplam (²³). A grandeza e a abundância das suas recompensas não tem limites. **17** Ama, repito, Aquele Filho do Deus altíssimo nascido da Virgem que O concebeu sem deixar de ser virgem (²⁴). **18** Vive unida à Mãe dulcíssima que deu à luz o Filho que nem os céus puderam conter. **19** E, todavia, ela o levou no pequeno claustro do seu ventre sagrado e o formou no seu seio de donzela.

20 Quem não se revolta de indignação ao presenciar a astúcia do inimigo do género humano que usa o luxo efémero e a vanglória para reduzir a nada o que de maior há no Céu? **21** Creio firmemente que, pela graça de Deus, a alma fiel se torna a mais digna de todas as criaturas, mesmo maior que o Céu. **22** Só a alma crente se transforma em sua mansão e seu trono pela caridade de que estão privados os ímpios. **23** É a Verdade que o testemunha:

²² Sobre a mística do espelho em Santa Clara cf. TRIVIÑO, M. V., *Espiritualidade...*, o.c., pp.13-143; PORFIELD, B. E., *Reflets dans le Miroir, images du Christ dans la vie spirituelle de Sainte Claire d'Assise*, Ed. Franciscaines, Paris, 1993. Entre os versículos 9-17 vê MATURA cinco elementos dum possível método de oração: alegria do chamamento evangélico (9-11); colocar a alma sob a luz de Cristo (12-13); o que leva à transformação (13); e faz saborear as doçuras (14); e se transforma em amor (15-17).

²³ Breviário Romano, ofício de Santa Inês, 21 de Janeiro, Matinas, antif. 7.

²⁴ Breviário Romano, 1 de Janeiro, Circuncisão, Matinas, responsório 7.

“Quem me ama será amado por meu Pai, Eu o amarei e viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 21. 23).

24 Tal como a Virgem das virgens O trouxe materialmente no seu seio, **25** assim também tu O podes trazer, sem dúvida alguma de maneira espiritual, no teu corpo casto e virginal, seguindo as suas pegadas, sobretudo a sua humildade e pobreza. **26** Desta maneira poderás conter Aquele que a ti e a todas as criaturas contém e possuir plenamente o bem mais precioso, comparado com as riquezas transitórias deste mundo. **27** Muitos reis e rainhas deste mundo deixam-se enganar. **28** Pensam que podem conquistar o Céu com o seu orgulho. No fim acabam reduzidos à podridão.

29 Mas não quero terminar sem dar resposta à questão que, em caridade, me puseste (²⁵), sobre o jejum e as festas em que podemos variar a nossa alimentação. **30** Como sabes, o glorioso Pai São Francisco permitiu que celebrássemos as festas da sua especial devoção, com uma alimentação mais variada. Em todos os outros dias, mesmo em dias de festa, as irmãs que gozam de boa saúde, devem tomar as refeições como nos dias de Quaresma. **31** As irmãs fracas e doentes estão dispensadas destas normas e segundo o santo Pai nos exortou a fazer, devemos servir-lhes sempre uma alimentação variada. **32** Portanto, o nosso jejum deve ser sempre rigoroso, excepto aos Domingos e no dia de Natal, nos quais podemos tomar duas refeições. **33** Nas quintas-feiras do tempo comum o jejum fica ao critério de cada uma. **34** A que não quiser não está obrigada a jejuar. **35** Mas nós, as que gozamos de boa saúde (²⁶) jejuamos todos os dias, excepto aos Domingos e no dia de Natal. **36** Um

²⁵ A carta de Santa Inês não chegou até nós. Alguns autores consideram estas normas sobre o jejum como fazendo parte da "Forma Vivendi", o que não parece provar-se. A verdade é que Clara se deve referir não só aos costumes de São Damião, mas também à Bula "Licet velut ignis" (cf. p. 463) que regulamentava a questão dos jejuns em São Damião de acordo com o costume cisterciense.

Cf. FASSBINDER, M., *Untersuchungen*, o.c., p. 123, nota 13; *Fontes I*, p. 130.

²⁶ Clara, já gravemente doente, conta-se entre as que gozam de boa saúde. Cf. LCL 18. Tal como Francisco (2 C 129), também Clara era exigente ao máximo consigo mesma, mas compreensiva com as outras.

escrito de São Francisco (²⁷) dispensa-nos do jejum no dia de Páscoa, nas festas de Nossa Senhora e dos Apóstolos, desde que estas não se celebrem numa sexta-feira. ³⁷ No entanto, nós, as saudáveis e fortes, tomamos sempre as refeições próprias da Quaresma.

38 Mas lembra-te, querida irmã, que não temos um corpo de ferro, nem a solidez do granito (cf. Job 6, 12). **39** Antes pelo contrário somos fracas e propensas a toda a espécie de fragilidades.

40 Por isso, peço-te ardente mente no Senhor que diminuas um pouco a austeridade que a ti mesma te impuseste e que eu sei ser demasiado rigorosa. **41** Rogo-te que louves o Senhor com a tua vida e te ofereças a Ele em holocausto racional (Rom 12, 1), amenizando, no entanto, com o sal da prudência.

42 Que o Senhor te conceda tanta saúde como eu desejo para mim própria. Lembra-te de mim e das minhas irmãs nas tuas santas orações.

²⁷ Este escrito não é conhecido.

QUARTA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (4CCL)

INTRODUÇÃO (28)

A quarta e última carta foi escrita por Clara no ano de 1253, uns meses antes de morrer, pois já tinha regressado a São Damião a sua irmã Inês de Assis (38). Pressentindo o seu fim, tira da sua requintada sensibilidade os acentos mais ternos, para exprimir o seu carinho a Inês. Toda a carta está repassada de afecto, de intimidade, de transparência espiritual. Como quem contempla de perto o trono de Deus, dessa margem do mar de cristal, canta e convida todas as virgens a entoar o Cântico Novo do Cordeiro (1-2. 8). Cordeiro Imaculado! Este é o título preferido para o Esposo, dando uma coloração pascal a toda a carta. As lágrimas consomem-se no ardor do amor, o olhar está a ponto de consumar-se no abraço.

Clara entoa o seu cântico novo, ao descrever os feitos do Esposo: o Cordeiro que quebra os selos, o Espelho que revela a eternidade, o Amado que reveste de formosura e felicidade. Canta ao motivar os sentidos espirituais receptores da presença, especialmente o tacto, o gosto, o olfacto e a vista. E cantando ergue-se na onda do ritmo poético (9-14).

O tema nupcial tão explícito na primeira carta, que foi avançando com o clamor de Raquel (2 CCL 1.11) e com a união à Rainha Mãe (3 CCL 18) repousa por fim no beijo e abraço da Esposa do Cântico dos Cânticos (30-32).

Amplia-se a instrução sobre a contemplação amorosa e transfigurante do Espelho, que começou na 3 CCL 1.12 e foi desenvolvido no Testamento de Clara (19-21):

²⁸ Sobre a espiritualidade de 4 CCL, ver: LOPEZ, S., ofm, *Lectura teológica de la Carta IV de Santa Clara*, in *SelFran.*, 68 (1994), pp. 258-274; BARELLI, E., ofm, *Le lettere di Santa Chiara, Meditazioni VI, Lettera IV*, in *ForSor.*, anno XXXII, nº1, pp. 27-38; *BAC*, pp. 393-400.

1 — Cristo, espelho da própria consciência. Nele deve ver Inês o seu rosto, para se tornar formosa com a formosura do Senhor. No olhar vai a plenitude harmoniosa do ser.

2 — Cristo, espelho da eternidade. No olhar vai a plenitude da fé. As três partes do espelho são como o eixo — verdadeira escada de Jacob, diríamos — desde o despojamento de Belém até ao incêndio do Amor crucificado e glorioso. Os panos, o presépio, as privações e a cruz estão a mostrar a humildade, a pobreza, a desapropriação e o amor até ao extremo.

3 — A Mãe dulcíssima, a que ama, acompanha e cuida, reaparece no começo do espelho. Unidos a ela, contemplam-se e interiorizam-se os mistérios de Jesus Cristo.

Agonizar e abraçar-se, suspirar e gritar... Submergir-se na contemplação e interceder. Clara já não tem palavras... Apropria-se das do Cântico dos Cânticos (30-32). Apenas consegue balbuciar, quando tenta exprimir o incêndio, a docura, a violência do desejo ardente, a experiência mística e inefável, que inunda todo o seu ser. Como teme não saber o que diz, pede a Inês que receba com benignidade e piedade o que proferiu a balbuciar (37).

Reiteram-se as recomendações de mútua oração, que são mais longas que outras vezes. Como é habitual nas cartas de Clara, o final refere o tema do começo. Se desejava o Cântico Novo diante do trono de Deus, termina com um “adeus” que sela a despedida “até ao trono de Deus” (3. 39).

Esta belíssima carta mostra a ardente caridade de Clara, o seu puríssimo e entranhável afecto, que abraça quantos entram em relação com ela. Embora estivesse muito doente, continua a esquecer-se de si para estar atenta a todos: a Inês e às “suas filhas” de São Damião, e também aos frades mensageiros, Amado e Bonagura. Recomenda-os à caridade de Inês... por serem “queridos de Deus” e muito apreciados por elas (40).

QUARTA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA

1 Àquela que é a metade da minha alma e escrínio singular da minha afeição, à ilustre rainha e senhora Inês, esposa do Rei eterno, sua mãe caríssima e filha entre todas preferida, **2** Clara, indigna serva de Cristo e inútil servidora (²⁹) das servas que vivem no mosteiro de São Damião, **3** deseja saúde e a ventura de poder cantar com as demais virgens o cântico novo diante do trono de Deus e do Cordeiro (Apc 5, 9) e de seguir o Cordeiro para onde quer que vá (Apc 14, 4).

4 Não te cause estranheza, querida mãe e filha, esposa do Rei de todos os séculos, que eu não tenha escrito tantas vezes quantas o deseja o coração. **5** E não penses, sobretudo, que por isso o fogo de amor por ti esmoreceu no coração de tua mãe. **6** O problema é a falta de mensageiros e os enormes perigos dos caminhos. **7** Nesta ocasião em que me é possível escrever, alegro-me e exulto no Espírito Santo (1 Tes 1, 6), **8** porque, tal como a outra virgem, Santa Inês, desposaste o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, depois de renunciares a todas as vaidades mundanas (Jo 1, 29).

9 Feliz daquela a quem foi
dado gozar desta íntima união,
e que aderiu com todas as fibras do seu coração

10 Àquele cuja beleza
é contemplada por todos os santos
do exército celeste,

11 cujo amor nos encanta,
cuja contemplação nos vivifica,
cuja bondade e benignidade nos basta.

12 A sua doçura satisfaz-nos plenamente
e a sua recordação ilumina-nos com suavidade.

²⁹ Cf. RCL X, 5.

13 O seu odor ressuscita os mortos,
e a sua visão beatífica
santifica os habitantes da Jerusalém celeste.

14 Ele é o esplendor da eterna glória (cf. Heb 1, 13),
a luz da eterna luz,
o espelho sem mancha (cf. Sab 7, 26).

15 Contempla diariamente este espelho, ó rainha e esposa de Jesus Cristo. **16** Observa nele o teu rosto para que a grande variedade de virtudes **17** que embeleza o teu interior e exterior, seja como manto de flores, tal como convém à filha e esposa do Rei supremo. **18** Neste espelho poderás contemplar, com a graça de Deus, como resplandece a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade.

19 Contempla, no princípio deste espelho, a pobreza, pois está colocado no presépio e envolto em paninhos (cf. Lc 2, 7) ⁽³⁰⁾.

20 Oh maravilhosa humildade! Oh admirável pobreza! **21** O Rei dos anjos, o Senhor do Céu e da terra reclinado num presépio!

22 Ao centro deste espelho considera a humildade e a santa pobreza. Quantas tribulações e sofrimentos não suportou para resgatar o género humano! **23** E no fim deste espelho contempla a inefável caridade que O fez sofrer no patíbulo da Cruz a morte mais infame.

24 Suspenso da árvore da Cruz, este espelho adverte os transeuntes:

25 “Vós que passais, contemplai e vede se há dor semelhante à minha” (Lam 1, 12). **26** Respondamos com uma só voz e um só espírito a este grito de dor: “A pensar nisto sem cessar, minha alma desfalece dentro de mim” (Lam 3, 20). **27** Desta maneira o teu coração se inflame duma caridade cada vez mais forte, ó rainha do Rei celeste.

28 Contempla, além disso, as inefáveis delícias, as suas eternas riquezas e honras **29** e exclama suspirando, plena de anseios e com profundo amor:

³⁰ Sobre a mística do espelho ver literatura anotada na carta anterior.

- 30** Atrai-me a Ti
 e correrei ao odor dos teus perfumes,
 ó celeste Esposo.
- 31** Correrei sem desfalecer,
 até que me introduzas na sala do festim,
- 32** até que a minha cabeça
 repouse sobre a tua mão esquerda,
 e a tua direita me abrace com ternura
 e me beijes com o ósculo suavíssimo da tua boca
 (cf. Cant 1, 3. 2, 4-6; 1, 1).
- 33** Nesta contemplação não esqueças a tua pobre mãe.
- 34** Tenho-te presente no meu coração, duma maneira muito especial, como a mais querida de todas. **35** Que mais dizer? Que faça silêncio a linguagem da carne e dê lugar à do espírito acerca da minha afeição por ti, filha bendita. A linguagem dos sentidos só muito imperfeitamente pode manifestar o amor que sinto por ti.
- 36** Sê, pois, benevolente e aceita com humildade esta expressão de afeição maternal. **37** Todos os dias penso em ti e tuas filhas, às quais me recomendo, juntamente com minhas irmãs. **38** Da mesma maneira as minhas filhas e especialmente a virgem prudentíssima Inês, minha irmã⁽³¹⁾, se recomendam tanto quanto podem a ti e às tuas filhas em Cristo.
- 39** Saudações para ti, filha caríssima e para tuas filhas. Adeus, até à glória do trono do grande Deus⁽³²⁾. Rezai por nós.
- 40** Recomendo à tua caridade, duma maneira especial, os portadores desta carta, Frei Amado, querido de Deus e dos homens e Frei Bonagura⁽³³⁾

³¹ Trata-se de Inês de Assis, irmã de Clara. Em 1221 deixou São Damião para ser abadessa em Monticelli. Só regressou a Assis nos princípios de 1253 (LCL 43).

³² Este versículo não é uma despedida qualquer. É o adeus da mãe moribunda que se despede das filhas até ao Céu.

³³ Não há mais notícias destes irmãos. Eles bem merecem a recomendação de Clara, pela coragem que demonstraram em enfrentar a insegurança das estradas.

CARTA DE SANTA CLARA A ERMENTRUDIS DE BRUGES (5CCL)

INTRODUÇÃO

É a missiva mais breve, embora se considere como fusão de duas cartas. O espaço cronológico em que Ermentrudis pode manter correspondência com Clara é de 1240 a 1253 (34).

A carta começa com uma apresentação bastante sóbria, em comparação com as dirigidas a Inês. O tratamento de cortesia pode indicar um primeiro contacto.

O corpo da carta tem um estilo exortativo muito directo e acumula citações ao jeito de sentenças de sabedoria. Com a recomendação de meditar os mistérios da Paixão, menciona a Mãe Santíssima. Recomenda a perseverança na pobreza e humildade, o discernimento. Estabelece-se aquela conhecida oposição entre as aparências enganosas e a coroa de imortalidade, entre o fugaz e o eterno. Todos estes temas são familiares na pena de Clara, mas aparecem como descarnados. Não notamos aqui a vibração e a exuberância afectuosa de Clara.

À despedida, recomenda-se à mútua oração. Procurando a relação habitual entre a conclusão e o começo da carta, não é preciso forçar muito para aproximar a exortação da fidelidade (4), com o desejo de se observar mais facilmente a Lei de Jesus Cristo (17).

³⁴ Waddingo dá indicações sobre duas cartas (ano 1257), 80-81, XX, mas só publica uma, sem dar indicação da fonte. Tudo leva a crer que a carta apresentada é a fusão de duas e é por isso "mais simples e impessoal que as outras", como anota *Untersuchungen*, p. 301. Pouco se sabe de Ermentrudis. É conhecida a grande influência que teve no Baixo-Reno, onde fundou vários mosteiros, sobretudo na Flandres. Ver: KOK, D. de, *De origine Ordinis Sanctae Clarae in Flandria*, in *A.F.H.*, 7 (1914), pp.234-236; HEYSSE, A., *Origo et progressus Ordinis S. Clarae in Flandria*, in *A.F.H.*, 37 (1944), pp. 165-201; *BAC*, P. 405; *Schriften*, p. 24.

**CARTA DE SANTA CLARA
A ERMENTRUDIS DE BRUGES**

1 Clara de Assis, humilde serva de Jesus Cristo, deseja saúde e paz a Ermentrudis, sua querida irmã. **2** Soube, querida irmã, que, com o auxílio da graça de Deus, abandonaste o lodo deste mundo. **3** Para mim isso é causa de grande alegria e felicidade. Também me alegro ao saber que entraste corajosamente, com tuas filhas, no caminho da santidade.

4 Sê fiel, querida irmã,
Àquele a quem prometeste fidelidade até à morte,
porque um dia receberás a coroa da vida.
5 Breve é a nossa labuta neste mundo,
mas eterna será a recompensa;
Não te seduzam os esplendores deste mundo,
que desaparecem como sombra;
6 Não te encandeies com as aparências enganadoras do século,
nem dês ouvidos aos ruídos do maligno,
resiste energicamente às suas tentações;
7 Suporta com alegria as adversidades,
e não te envaideças na prosperidade;
A fé faz-nos humildes nos sucessos
e impassíveis nas adversidades;
8 Sê fiel no que a Deus prometeste,
e Ele mesmo te dará a recompensa.
9 Olha, caríssima, o Céu que nos convida,
toma a tua cruz e segue a Cristo que nos precedeu;
10 Depois de muitas tribulações,
Ele nos introduzirá na glória.

11 Ama de todo o coração a Deus e a Jesus Cristo seu Filho crucificado por causa dos nossos pecados, e que a sua memória jamais se apague no teu espírito. **12** Medita sempre o mistério do Calvário e os sofrimentos da Mãe ao pé da Cruz. **13** Ora e vigia sempre. **14** Leva a cabo com persistência a obra começada e cum-

pre, em santa pobreza e sincera humildade, o ministério que assumiste. **15** Nada temas, querida filha. Deus é fiel em todas as suas palavras e obras e derramará as suas bênçãos sobre ti e tuas filhas. **16** Ele será o teu auxílio e a melhor consolação. Ele é o nosso redentor e a nossa recompensa.

17 Rezemos a Deus uma pela outra. Assim, levando cada uma o fardo da outra, mais fielmente cumpriremos a lei de Cristo. Amen.